

Crescimento migratório no Brasil



Imigrantes haitianos abrigados em alojamento improvisado em Brasileira, no Acre, em 2014. A imigração é uma realidade no Brasil até a contemporaneidade.

A imigração para o Brasil tornou-se mais intensa a partir de 1850, quando teve fim o tráfico de escravos. A maior parte dessa entrada de imigrantes no país teve relação com a demanda de mão de obra para a lavoura cafeeira por intermédio do Estado ou de fazendeiros.

Antes de meados do século XIX, já havia ocorrido, embora em reduzido número, a vinda de imigrantes para o território brasileiro. Em 1808, teve início a imigração a partir da vinda da família real portuguesa e da abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Em razão da fuga dos governantes de Portugal frente ao exército de Napoleão Bonaparte, o Brasil passou a ser, então, a nova sede do reino – e não se sabia por quanto tempo, visto que os franceses poderiam ocupar Portugal por período indeterminado.

Instalando-se no território brasileiro, D. João VI passou a incentivar a vinda de açorianos (em 1808) e de suíços (em 1818), partindo de uma ideologia de “branqueamento” da área que era a nova sede da monarquia portuguesa. Após a independência do país, teve também lugar a vinda de alemães (nas décadas de 1820 e 1830), promovida por D. Pedro I. Entretanto, o contingente total dessa imigração, até a metade do século XIX, era expressivamente inferior à vinda de africanos como escravos.

Com as pressões da Inglaterra pelo fim do tráfico negreiro e com a Lei Eusébio de Queirós (1850), que proibiu o tráfico de escravos para o Brasil, os proprietários de terras, sobretudo os cafeicultores, que desenvolviam a atividade que predominou no país da segunda metade do século XIX aos primórdios do século XX, começaram a promover a vinda de

imigrantes, a fim de substituir a mão de obra escrava. O período compreendido entre 1850 e 1934 representou o auge da imigração para o Brasil. A partir de 1834, houve significativa queda na imigração, o que se deveu, principalmente, à Constituição promulgada nesse ano, a qual instaurava algumas medidas restritivas à vinda de estrangeiros.

De 1850 a 1880, entraram no território brasileiro cerca de 5 milhões de imigrantes. Desse total, cerca de 3 milhões se fixaram definitivamente. A maior entrada de imigrantes se deu a partir da abolição da escravidão, em 1888, que impeliu o governo a procurar nova mão de obra no continente europeu e no Japão. Dessa forma, no espaço de tempo que se estende de 1888 até 1914-1918 (período da Primeira Guerra Mundial), teve lugar o maior contingente migratório. O Brasil, do final do século XIX ao início do século XX, foi um país que apresentou imigração bastante expressiva, não se comparando, porém, a países como Estados Unidos, por exemplo, que recebeu cerca de 40 milhões de estrangeiros.

Como visto, tratou-se de uma imigração provocada, e não de uma imigração espontânea, uma vez que o movimento migratório foi resultado da propaganda do Brasil no exterior – a qual, muitas vezes, era ilusória.

As despesas do imigrante na vinda para o Brasil geralmente eram custeadas pelo governo ou por proprietários de terras. Em seu país de origem, o imigrante e sua família assinavam um contrato de trabalho. O proveito desse contrato, entretanto, era apenas do empregador. Os imigrantes firmavam negócio iludidos pela propaganda e sem ter conhecimento acerca do lugar em que iriam prestar serviços. Tal situação gerou conflitos e fugas de famílias das fazendas (visto que, de acordo com o contrato, o imigrante não teria permissão para se retirar antes do fim do acordo). Além disso, houve emigração daqueles que tinham condições de custear a viagem de retorno ou mesmo a ida para outro país do continente americano.

Depois da Primeira Guerra Mundial, com o desenvolvimento da indústria de São Paulo, que começava a destacar-se no cenário nacional e cujo mercado consumidor se estendia até a Região Nordeste, o movimento migratório de nordestinos para São Paulo e para outras áreas de cultivo do café cresceu, tornando-se mais significativo que a entrada de imigrantes vindos do exterior. Nesse contexto, a indústria paulista continuou crescendo, em detrimento de empresas têxteis da Região Nordeste. Houve, assim, um declínio de práticas tradicionais, como as atividades algodoeira e açucareira, que eram dependentes do mercado externo. Quando a

Constituição de 1934 restringiu, por sistema de cotas, a imigração de estrangeiros para o Brasil, esta já não era imprescindível para atender às demandas de mão de obra da atividade cafeeira, uma vez que os números do movimento migratório de nordestinos já a ultrapassavam.

O sistema de cotas relativo à imigração, fixado pelas Constituições brasileiras de 1934 e de 1937, estabelecia que, a cada ano, não poderiam entrar no país mais de 2% sobre o total de entradas de cada nacionalidade nas últimas cinco décadas. Foram, ainda, adotadas outras disposições restritivas, como a exigência de 80% de agricultores para cada nacionalidade e a seleção por critérios doutrinários (concepções políticas).

Os movimentos migratórios para o Brasil (a partir do ano 1800) podem ser divididos em três fases, descritas adiante.

- ▶ **1ª fase (1800-1850)** – O fluxo de imigrantes para o Brasil, nessa fase, é pequeno quando comparado com o período seguinte. Incentivava-se o tráfico de escravos, visto que se tratava de mão de obra gratuita. Tal contexto repelia a vinda de outros imigrantes.
- ▶ **2ª fase (1850-1930)** – Nesse período, a imigração para o território brasileiro recebeu impulso. Entre os fatores determinantes para isso, podem-se citar a proibição do tráfico de escravos (Lei Eusébio de Queirós, em 1850), a iniciativa do governo imperial (até 1889) de prover as despesas de transporte do imigrante, o crescimento da cafeicultura e a abolição da escravatura (Lei Áurea, em 1888).
- ▶ **3ª fase (1930 até o presente)** – Tal fase de imigração para o Brasil foi desestimulada por uma série de acontecimentos, entre os quais se podem citar os seguintes: a Revolução de 1930 no país, que fixou medidas restritivas à imigração (houve, inclusive, proibição em 1932); a Constituição de 1934, que estabeleceu cotas de imigrantes; a Segunda Guerra Mundial; a melhoria do padrão de vida de muitas populações do continente europeu. Nos anos 80 do século XX, o Brasil registrou, pela primeira vez, saldo migratório negativo: estima-se que pelo menos 1 milhão de pessoas, nesse período, tenham deixado o país em direção aos Estados Unidos, à Europa e a outros países do Mercosul.

Migrações inter-regionais

As migrações internas, entre áreas ou regiões do Brasil, vêm ocorrendo desde a época colonial, embora se tenham intensificado a partir do início do século XX, principalmente após a Primeira Guerra Mundial.

Durante toda a sua história, a economia brasileira caracterizou-se pela existência de fases ou ciclos, nos quais um determinado produto despontava como o mais importante. Assim, houve a fase da **cana-de-açúcar**, nos séculos XVI e XVII; a **mineração**, no século XVIII; o surto da **borracha**, de 1870 a 1910; e o **café**, no final do século XIX e início do XX.

O período áureo de cada produto, que era determinado pela sua valorização no mercado internacional, sempre necessitou de mão de obra, ocasionando, para a região que o produzia, deslocamentos de grandes contingentes humanos, oriundos de outras regiões do país. Essas migrações inter-regionais, contudo, eram relativamente fracas, intensificando-se somente na segunda década do século XX.

Com a abolição da escravatura, a mobilidade espacial da população aumentou, uma vez que o trabalhador livre ou assalariado pôde deslocar-se à vontade pelo território, ao contrário do escravo, que era considerado “objeto” de compra e venda. A precariedade das estradas que ligavam as diversas porções do país era tão grande que muitas vezes saía mais barato comprar escravos na África do que em uma região brasileira onde eles existissem em disponibilidade. Só na fase do café, especialmente a partir do final do século XIX, é que teve início a construção de uma rede de transportes mais extensa, iniciando-se com ferrovias, e, em seguida, já no século XX, predominando as rodovias. Essas novas estradas facilitaram bastante as migrações inter-regionais no Brasil.

As mais numerosas migrações inter-regionais da história brasileira foram as de populações nordestinas e mineiras para os grandes centros do Sudeste. Essas migrações tiveram início no final do século XIX, aceleraram-se no início do século XX e prosseguem até os dias atuais, embora já não tão intensamente como há algumas décadas. Esse movimento populacional, como foi visto, originou-se do crescimento econômico do Sudeste – no início, com o café; depois, com a indústria, mas também devido ao declínio econômico do Nordeste face à menor procura internacional de seus produtos agrícolas tradicionais de exportação e à estagnação de seu setor industrial.

No final da década de 1950, estimulada pela absorção de mão de obra para a construção de Brasília, a população nordestina traçou uma nova corrente migratória com destino ao Planalto Central, que, na década seguinte, se tornou uma das principais correntes migratórias do país. Na Região Sul, a modernização do espaço agrícola e a concentração fundiária também incrementaram a migração para a Região Centro-Oeste.

São fatores que contribuíram para a expansão da fronteira agrícola do Sudeste para o Centro-Oeste e, posteriormente, para a Amazônia:

- a construção da malha rodoviária integrando as regiões brasileiras;
- o desenvolvimento de técnicas de correção dos solos lateríticos do cerrado;

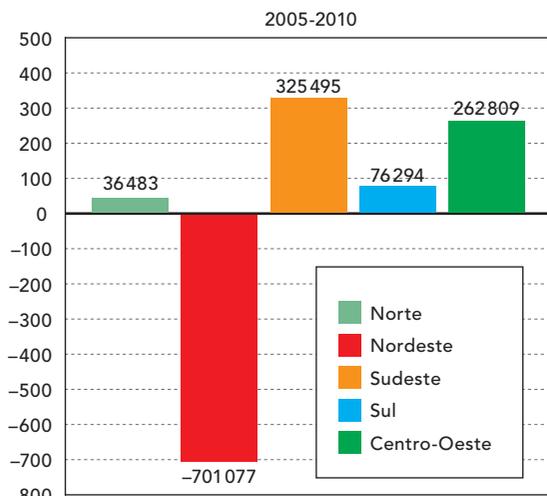
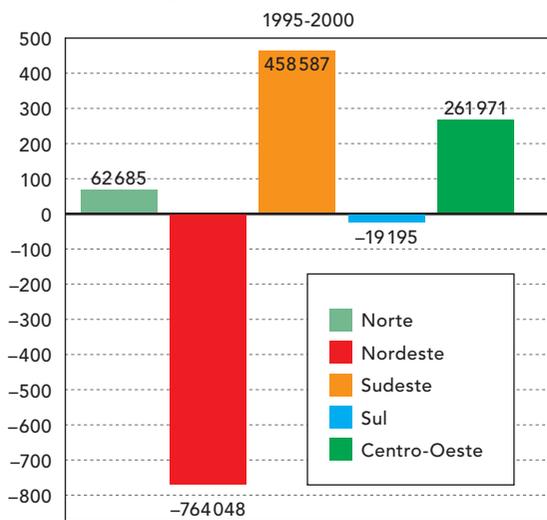
- a assistência dos agrônomos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária);
- os financiamentos por parte dos governos estaduais e federal.

Inserir as regiões Norte e Centro-Oeste no processo produtivo do país consistia em políticas governamentais com o objetivo de ocupar o interior e estimular a redução das disparidades de desenvolvimento regional. Com essa proposta, foram criados órgãos de planejamento, visando promover a ocupação e o desenvolvimento das regiões mais estagnadas do país. Como exemplos de iniciativas nesse sentido, citam-se a Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia).

A construção de grandes rodovias, como a Belém-Brasília, a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, e a criação de projetos agropecuários e minerais, como o Projeto Carajás, foram medidas adotadas para incorporar a Região Amazônica ao desenvolvimento nacional.

A instabilidade política e econômica registrada na década de 1980 foi indutora de novas mudanças no comportamento migratório inter-regional do país. A crise estimulou a desconcentração produtiva, interiorizando os parques industriais que buscavam força competitiva nos incentivos fiscais e na mão de obra mais barata, o que resultou no crescimento das migrações intrarregionais.

Saldo migratório das regiões brasileiras*



* Perfil migratório das grandes regiões brasileiras em períodos de 5 anos, em número de pessoas.

Censo 2010, IBGE.

Nas últimas décadas, reduziu-se a atração de migrantes nordestinos para São Paulo. Na década de 1980, pela primeira vez na história, o município registrou um saldo migratório negativo: a diferença entre o número de pessoas que saíram e o número das que entraram, entre 1980 e 1991, foi da ordem de 750 mil. Grande parte do contingente populacional que deixou a metrópole se dirigiu às principais cidades do interior do estado, tais como Ribeirão Preto e Campinas. O restante realizou aquilo que os demógrafos chamam de "migração de retorno", voltando às cidades nordestinas de origem. Entre 1999 e 2004, por exemplo, 714 mil nordestinos retornaram à sua região.

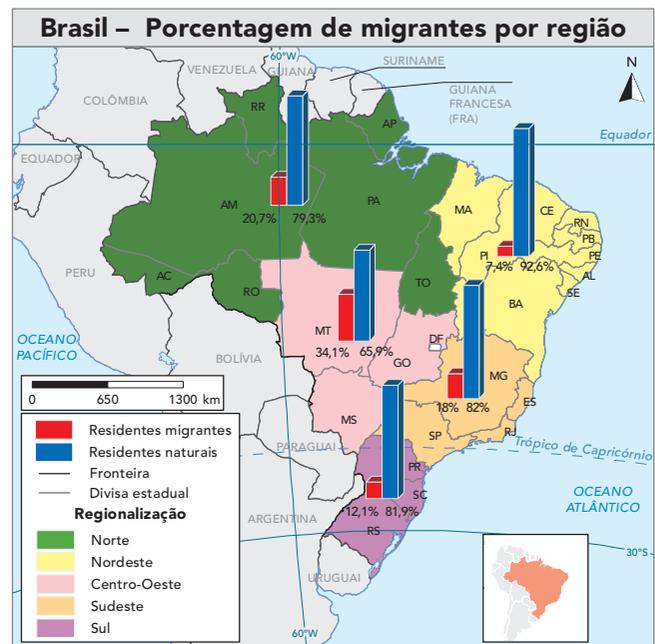
Onde estão os migrantes

No Brasil, fatores como abertura de novos mercados de trabalho, favorecidos por novas mudanças na economia nacional e na internacional, reduziram o número de brasileiros que saíam de sua região de origem.

A guerra fiscal entre municípios e estados, a distribuição da indústria por regiões, o processo de urbanização e a inserção de cursos de qualificação profissional no interior do país criaram oportunidades de emprego, gerando novas situações que influenciam os movimentos migratórios.

Apesar das mudanças no quadro de desenvolvimento regional, o Sudeste ainda continua sendo o principal destino das migrações internas, seguido pelo Nordeste e pelo Centro-Oeste. O Sudeste é também a região que possui o maior número de brasileiros oriundos de outras regiões, recebendo do Nordeste a maior parcela dessa população.

A Região Centro-Oeste, por sua vez, é a que apresenta o maior percentual de imigrantes nascidos em outras regiões (34,1%, segundo estimativas de 2012 do IBGE). A criação de órgão de planejamento regional, principalmente a partir da década de 1960, e de subsídios governamentais destinados a atividades agropecuárias, impulsionando o agronegócio, favoreceram a atração da população para o Centro-Oeste.



IBGE, 2012.

Migrações internas

Êxodo rural

O êxodo rural, também denominado migração campo-cidade, é um movimento horizontal que, no Brasil, intensificou-se a partir das décadas de 1940 e 1950, estimulado pelo grande surto industrial da Era Vargas e do Governo Juscelino Kubitschek. Para a Região Sudeste, deslocaram-se milhares de nordestinos em busca de emprego e de melhores condições de vida. Os chamados paus de arara foram largamente utilizados na década de 1950 para transportar os migrantes ou retirantes do Nordeste.

A estrutura agrária concentradora, os rigores climáticos e a carência de políticas geradoras de emprego e renda, capazes de absorver a mão de obra, devem ser apontados como fatores que impulsionavam o êxodo rural da população nordestina. Nas últimas décadas, a própria modernização do espaço agrário tem sido indutora do êxodo rural. Na Zona da Mata nordestina, o corte mecanizado da cana-de-açúcar e a automação das usinas estimulam o êxodo de trabalhadores rurais para o cinturão urbano de Recife.

O êxodo rural tem muitas consequências para as cidades, destacando-se

- o desemprego e o subemprego, quando o mercado de trabalho é pequeno para a quantidade de mão de obra disponível;
- a falta de moradias, gerando preços elevados no aluguel ou na compra de habitações;
- a formação de favelas e de bairros operários, sem as benfeitorias da cidade;
- o desaparecimento do cinturão verde (chácaras e sítios que envolvem a cidade), devido à especulação imobiliária;
- as deficiências nos serviços públicos urbanos, como água encanada e esgoto, coleta de lixo e transportes coletivos;
- as crises de abastecimento no mercado urbano, com falta de gêneros alimentícios e de outros produtos;
- a marginalidade social, como delinquência, mendicância e prostituição.

Transumância

Transumância é um movimento migratório reversível determinado por condições climáticas (sazonalidade) com mudanças das estações ou secas temporárias. Um exemplo de transumância no Brasil é o caso dos nordestinos do agreste que se deslocam durante a estiagem com destino à Zona da Mata para a colheita e a moagem da cana-de-açúcar.

No início do período úmido, eles voltam para as suas roças. Esse movimento ficou conhecido em todo o Brasil por meio da letra da música "Asa Branca", cantada por Luiz Gonzaga.

Hoje longe muitas léguas
 Numa triste solidão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão.

A transumância também se encontra comumente associada à expressão "invernada". Em Minas Gerais, o queijo da Serra da Canastra é um produto resultante da transumância do gado, levado ao alto da serra no período invernal. No Ceará, com a estiagem prolongada, pecuaristas do sul do estado chegam a deslocar rebanhos para a Chapada do Araripe, provocando o desmatamento da cobertura florestal para a produção de pastagem, com o início da quadra chuvosa, retornam para a depressão sertaneja. Os boias-frias, que, em épocas de colheita, se locomovem para lugares em que trabalham, exercitam o movimento de transumância.

Movimento pendular

Movimento pendular é um movimento migratório diário típico dos grandes centros urbanos industriais, criando centros de dormitórios, nos quais os trabalhadores se deslocam dos subúrbios para as áreas industriais. Na atualidade, verifica-se que esse deslocamento ocorre entre distâncias cada vez maiores de origem em relação ao destino, revelando o avanço do processo de ocupação do espaço das aglomerações urbanas.

O movimento pendular se encontra em constante aumento, quer em número, quer em distância. A principal causa desses aumentos seria a melhoria nos sistemas de transporte. Vale ressaltar que a pauperização da massa trabalhadora obriga grande parte da população a residir em áreas periféricas, onde o mercado imobiliário oferece terrenos de valores mais acessíveis.

Em algumas cidades, os municípios em torno da área metropolitana desenvolvem função de cidades-dormitório, pois os trabalhadores se deslocam diariamente para regiões geradoras de emprego e renda, retornando no final da jornada de trabalho.

Urbanização

O processo de urbanização ocorre quando a população residente no meio urbano cresce a taxas maiores que o crescimento da população rural. Tome-se como exemplo o Brasil: em 1960, 56% da população era rural, e 44%, urbana; em 2010, a população rural era de 16%, enquanto a urbana cresceu para 84%. Nesse caso, houve um aumento da urbanização no sentido demográfico.

Urbanização é também a expansão do modo de vida urbano (valores socioculturais urbanos) e a instalação de equipamentos urbanos, como energia elétrica, água e esgotos, pavimentação, estradas, equipamentos transmissores de informação, transportes coletivos, escolas, hospitais, comércio e outros serviços. Quando esses equipamentos são instalados em zonas rurais, ao longo das rodovias, por exemplo, ocorre a expansão da urbanização.

É importante lembrar que a urbanização possui limite. Em países onde a urbanização se acelerou nos séculos XVIII e XIX, já é comum o êxodo da cidade para o campo, seja espontâneo, buscando o que se define como “vida saudável”, ou atraído por atividades econômicas que são estimuladas a se desenvolverem em meio rural para atender à sociedade urbana. Nesse caso, se a população rural passa a crescer mais que a urbana, há um processo chamado de **ruralização**.

Cidade e fenômeno urbano

Historicamente, o campo precedeu a cidade. As primeiras cidades apareceram há mais de 3500 anos a.C. Contudo, o processo de urbanização moderno teve início há cerca de dois séculos (século XVIII), com a Revolução Industrial, desencadeada primeiro na Europa e, depois, nas demais áreas do mundo. Nos países com industrialização tardia, a urbanização é um fenômeno bem recente. De acordo com estimativas das Nações Unidas, em 2014, 54% da população mundial vivia em áreas urbanas, e a tendência é esse percentual aumentar cada vez mais. Deve-se ressaltar ainda que a Europa Ocidental, as Américas e a Oceania possuem taxas de urbanização mais altas do que a maior parte dos países da Ásia e da África, fato que caracteriza a urbanização como um fenômeno desigual.

Definir o que é cidade não é tarefa fácil, devido à multiplicidade de aspectos que ela apresenta. De forma simplificada, pode-se dizer que a cidade é uma concentração de pessoas e de atividades econômicas dos setores secundário e terciário; é todo aglomerado urbano que envolve características sociais, econômicas e culturais em um mesmo ambiente.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade deve possuir, pelo menos, um aglomerado de 10 mil habitantes. O número de habitantes das cidades, no mundo todo, deverá quase dobrar até o ano 2050, segundo projeções da ONU.

Explosão populacional urbana no mundo – Estimativas

1950	746,5 milhões de pessoas
2000	2,9 bilhões de pessoas
2014	3,9 bilhões de pessoas
2030	5,1 bilhões de pessoas
2050	6,3 bilhões de pessoas

NAÇÕES UNIDAS. Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais, Divisão das Nações Unidas para a População. *Perspectivas da Urbanização Mundial: revisão 2014*. (adaptado)

Rede urbana e hierarquia urbana

- ▶ **Rede urbana ou malha urbana** – Corresponde à distribuição das cidades pelo território e à sua interligação por meio dos grandes eixos rodoviários e ferroviários. A urbanização de uma sociedade origina uma rede urbana, isto é, um sistema integrado de cidades que vai dos pequenos locais às metrópoles. Desde o final do século XIX, muitos autores passaram a utilizar o conceito de rede urbana para se referir à crescente articulação existente entre as cidades, como resultado da expansão dos processos de industrialização e de urbanização. No mesmo período, na tentativa de apreender as relações que se estabelecem entre as cidades no interior de uma rede, a noção de hierarquia urbana também passou a ser utilizada.
- ▶ **Hierarquia urbana** – É a polarização que uma cidade exerce sobre a outra, ou seja, uma escala de subordinação entre as cidades. As pequenas cidades se subordinam às médias; e estas, por sua vez, às cidades grandes. A hierarquia urbana é estabelecida segundo o equipamento funcional que as cidades possuem, ou seja, segundo a capacidade que as cidades têm de oferecer bens e serviços. À medida que uma cidade consegue desenvolver e ampliar ou diversificar os produtos ou serviços para atender às necessidades de consumo da população, ela exercerá maior influência sobre uma região.

Aglomeramentos urbanos

- ▶ **Metrópole** – É o termo empregado para designar as cidades centrais, de áreas urbanas. É a cidade que possui os melhores equipamentos urbanos de um país (metrópole nacional) ou de uma região (metrópole regional). As metrópoles, por meio de fluxos de pessoas e de serviços, assumem importante posição na rede urbana da qual fazem parte. Por exemplo: Nova York (metrópole nacional dos EUA) e Fortaleza (metrópole da Região Nordeste do Brasil).
- ▶ **Região metropolitana** – É um conjunto de municípios contíguos integrados socioeconomicamente a uma cidade central ou principal e com serviços públicos de infraestrutura comuns. Geralmente, as regiões metropolitanas formam aglomerações urbanas, uma grande área urbanizada formada pela cidade-núcleo e pelas cidades adjacentes, exigindo planejamento comum em termos de abastecimento, circulação, educação, localização industrial, prestação de serviços etc. Por exemplo: Grande São Paulo (39 municípios), Grande Rio (21 municípios) etc.

Megacidades

O surgimento das chamadas megacidades – aglomerados urbanos com 10 milhões de habitantes ou mais – é consequência direta do processo de urbanização. Em 1975, só existiam cinco megacidades no mundo: Tóquio (Japão), Nova York (Estados Unidos), Xangai (China), Cidade do México (México) e São Paulo (Brasil). Atualmente, esses aglomerados já são 28, de acordo com a edição de 2014 do relatório *Perspectivas da Urbanização Mundial*, das Nações Unidas (veja os dez maiores na tabela a seguir), e as projeções indicam que o número aumentará para 41 até 2030. Ainda de acordo com dados da ONU, uma em cada oito pessoas no mundo vive em uma megacidade.

Estimativas apontam também para uma proliferação de centros urbanos com mais de 1 milhão de habitantes. A razão desse aumento está no fato de que a população dos países em desenvolvimento cresce em um ritmo maior que a dos desenvolvidos.

Dez maiores aglomerações urbanas do mundo	
Cidade	População aproximada (em milhões)
Tóquio (Japão)	38
Délhi (Índia)	25
Xangai (China)	23
Cidade do México (México)	21
Mumbai (Índia)	21
São Paulo (Brasil)	21
Osaka (Japão)	20
Pequim (China)	20
Cairo (Egito)	18,5
Nova York (EUA)	18,5

NAÇÕES UNIDAS. Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais, Divisão das Nações Unidas para a População. *Perspectivas da Urbanização Mundial*: revisão 2014.

Cidades globais

Com a internacionalização do capital e a modernização dos diversos meios de comunicação, as fronteiras entre nações e cidades se tornaram mais estreitas, fazendo com que algumas delas alcançassem o status de cidades globais, que constituem aglomerados urbanos dotados de boa infraestrutura (portos e aeroportos), de modo que são capazes de influenciar a circulação de pessoas, serviços, mercadorias e capital. Sua importância reside nos aspectos técnico, econômico-financeiro e de serviços especializados, e não no tamanho de sua população.

As cidades globais apresentam capacidade de influenciar a economia globalizada, concentrando, em sua estrutura, escritórios de empresas multinacionais, redes bancárias relevantes na circulação do capital mundial, bolsas de valores, além de sediarem as principais organizações mundiais (ONU, FMI, Banco Mundial, OCDE e outras).

Megalópole

Megalópole é a aglomeração (conurbação) de várias metrópoles, formando uma gigantesca área urbanizada. Apresenta como características elevada concentração demográfica, alto nível de integração econômica, forte circulação de pessoas, mercadorias e serviços, esta favorecida por um sistema moderno de transporte e circulação, promovendo a circulação de metrópoles circunvizinhas.

As megalópoles evidenciam as transformações socioespaciais proporcionadas pelos avanços tecnocientíficos do mundo globalizado. Podem-se citar como exemplos a megalópole do Japão – com a integração de Tóquio, Osaka e Kitakyushu – e as megalópoles dos Estados Unidos – BosWash (Boston, Nova York, Filadélfia, Baltimore e Washington), ChiPitts (Chicago, Detroit, Cleveland e Pittsburgh), SanSan (San Francisco, Los Angeles e San Diego).

Conurbação

Conurbação é a superposição ou o encontro de duas ou mais cidades que se desenvolvem uma ao lado da outra, de tal forma que acabam se unindo como se fossem apenas uma cidade. Pode-se citar como exemplo o que aconteceu entre São Paulo e os municípios vizinhos (Santo André, São Caetano, São Bernardo, Diadema e Guarulhos).

Problemas urbanos

É evidente que os problemas urbanos existem tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento. A diferença entre esses problemas, porém, é bastante acentuada. A qualidade de vida nas grandes cidades de países em desenvolvimento vem sofrendo um processo de deterioração alarmante.

A degradação do meio ambiente nos países desenvolvidos, especialmente em suas áreas urbanas, é uma consequência do desenvolvimento industrial. A poluição das águas por detritos industriais, a poluição atmosférica por partículas sólidas e de gases lançados no ar pelas indústrias e pelos veículos,

o lixo urbano, a poluição sonora e a visual são apenas alguns dos vários problemas que essas cidades enfrentam, apenas com uma diferença: em alguns países cuja industrialização aconteceu primeiro, existe tanto a consciência do problema como as tentativas para resolvê-lo.

Já nos países em desenvolvimento, além de todos esses transtornos citados, há poucas tentativas de solução. Assim, avolumam-se as dificuldades de ordem socioeconômica, sendo transferida para as cidades a miséria originada no meio rural.

O problema de abastecimento de água, por exemplo, é um dos mais graves, pois milhares de pessoas em cidades grandes não possuem água tratada. O resultado é a disseminação da cólera, da hepatite e da desidratação e o aumento na taxa de mortalidade infantil.

O abastecimento de alimentos é outro problema grave, pois faltam cinturões verdes ao redor de grandes cidades, sendo necessário que mercadorias sejam transportadas de grandes distâncias, encarecendo seu custo e tornando pouco acessível a aquisição de alimentos por grande parte da população.

O abastecimento de energia elétrica vem se tornando um impasse, devido à falta de investimentos nesse setor, que possui altíssimos custos de construção de represas e linhas de transmissão, que oneram as despesas familiares.

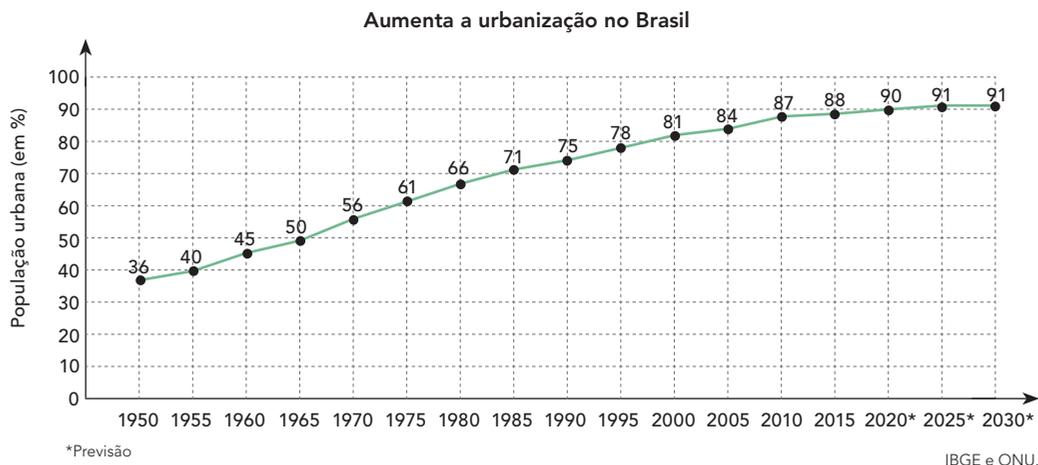
No transporte coletivo, apesar de uma relativa eficiência em algumas cidades grandes, a utilização, em muitas cidades, basicamente do meio rodoviário (ônibus) encarece sobremaneira esse serviço, que deveria ser acessível a todos.

A coleta de lixo, embora realizada com regularidade nas grandes cidades, amplia os lixões, que são verdadeiras fontes de contaminação, devido, sobretudo, ao chorume, que polui lençóis freáticos e fontes de abastecimentos de cidades.

Somam-se a isso problemas de habitação, saúde, segurança, falta de escolas e de empregos, cenário que permite um retrato aproximado da vida em grandes cidades.

Urbanização do Brasil

O processo de urbanização do Brasil vem crescendo desde a década de 1940, paralelamente ao processo de industrialização. Nessa época, 69% da população brasileira se encontrava no campo, enquanto 31% estava nas cidades, que eram menores e em menor quantidade. Desde então, o quadro começou a se inverter, ou seja, a porcentagem de população no campo passou a diminuir, e conseqüentemente a urbana aumentou cada vez mais. Essa tendência permaneceu praticamente constante, uma vez que, durante os anos 1960, a população urbana já ultrapassava a rural, chegando, nos anos 1990, a uma situação totalmente invertida, com 25% de população rural e 75% de população urbana. É possível verificar esse processo no gráfico a seguir.



Até meados da década de 1960, a queda da população rural foi apenas relativa, ou seja, ela continuava a crescer, porém em uma velocidade menor que a da população urbana. Essas mudanças estão ligadas à transição do modelo agroexportador ao urbano-industrial, transição esta que envolve a urbanização.

As migrações campo-cidade, regionais e inter-regionais, interferiram no processo de urbanização, relacionando-se com o modelo urbano-industrial.

Primeiramente, os investimentos em atividades agrícolas tornaram-se menos frequentes, diminuindo a intensidade da produção e, portanto, dos empregos no campo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos meios de produção e da tecnologia foram incorporados pelas atividades rurais, diminuindo a necessidade de mão de obra. No entanto, esse desenvolvimento só chegou aos grandes produtores com acesso a crédito bancário; pequenos e médios agricultores foram prejudicados por não acompanharem a maior produtividade. Esses processos criaram uma grande pressão demográfica sobre a terra, ou seja, havia muitas pessoas que não conseguiam mais encontrar meios de sobrevivência no campo, restando como opção de sobrevivência a ida para a cidade.

Por outro lado, os valores de uma sociedade urbano-industrial de cunho consumista foram divulgados por todo o território nacional pela televisão, pelo rádio e por outros meios de comunicação e propaganda a fim de criar um mercado de consumo interno que atendesse às necessidades do desenvolvimento econômico. Desse modo, a cidade se tornou também um modelo de modernidade e uma aspiração para um grande número de pessoas. Porém, foram poucas aquelas pessoas que, vindas do campo, conseguiram se inserir no mercado de consumo da classe média.

Entretanto, mesmo que essa última relação entre o modelo econômico e o êxodo rural seja verdadeira, não se pode considerá-la como elemento que explica o processo, pois, se assim fosse, como explicar o fato de milhões de pessoas permanecerem nas grandes cidades, mesmo vivendo em condições de miséria?

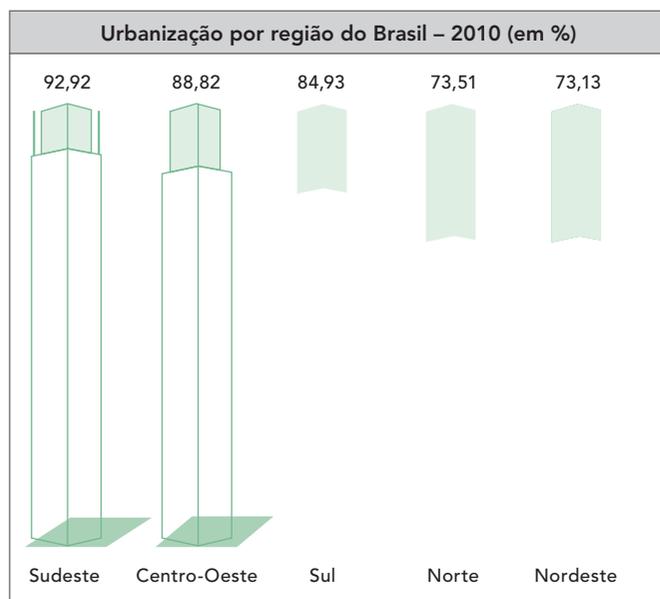
Brasil, um país urbano

O Brasil é atualmente um dos países mais urbanizados do mundo: 84,35% da população brasileira mora em áreas urbanas, de acordo com estatísticas oficiais. Essa realidade, apurada pelo Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não é necessariamente positiva. Países europeus possuem taxa de urbanização de 75%, em média. A diferença é que os europeus possuem mais e melhores recursos do que os municípios brasileiros e, assim, conseguem resolver vários dos problemas de habitação, saneamento básico, educação e saúde, mesmo para aqueles que moram no campo, o que garante um padrão de vida e de serviços melhor que o do Brasil, onde esses problemas continuam existindo.

Distribuição rural e urbana da população

O processo de urbanização da população brasileira ganhou intensidade a partir da década de 1940 com o desenvolvimento do setor industrial, ocorrido principalmente na Região Sudeste.

Até 1960, mais da metade da população brasileira ainda vivia nas zonas rurais, ao passo que, em 1970, pela primeira vez, a população urbana superou a população rural. Apesar disso, a Região Sudeste era a única, até 1970, que possuía população urbana superior à rural.



IBGE.

O processo de urbanização que se verifica no Brasil reflete as mudanças pelas quais o país passa, destacando-se, principalmente, a industrialização.

Entretanto, não se pode considerar, de forma generalizada, que é somente a industrialização a causa do intenso processo de urbanização do Brasil e, principalmente, do Sudeste. Existem outros fatores:

- o crescimento natural da população urbana;
- o Estatuto do Trabalhador Rural;
- a absorção das pequenas e médias propriedades rurais pelos grandes proprietários, em um processo de concentração da terra, que provoca o deslocamento de famílias para as zonas urbanas;
- o desejo de melhores condições de vida (emprego, educação, conforto urbano), que também ocasiona a migração para as cidades;
- a estrutura fundiária injusta;
- a influência dos meios de comunicação em massa;
- condições de vida no campo: precárias relações de trabalho, desrespeito aos direitos trabalhistas;
- crises eventuais na agricultura, provocando dispensa de mão de obra;
- mecanização ou mudança de atividade (agricultura para pecuária, café para cana), liberando certo tipo de mão de obra;
- divisão da propriedade e surgimento de minifúndios, que absorvem pouca mão de obra;
- pressão demográfica (crescimento demográfico rural superior ao urbano);
- atração pela cidade, sinônimo de novo e de "civilização";
- ideologia da migração: "é melhor sair".

Rede e hierarquia urbanas do Brasil

A rede urbana brasileira, apesar de sua grandiosidade, continua marcada pela irregular distribuição geográfica e pela descontinuidade. Enquanto as regiões Sudeste e Sul dispõem de redes urbanas densas, bem hierarquizadas e com razoável grau de continuidade, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste possuem redes urbanas de fraca densidade, mal hierarquizadas e espacialmente descontínuas.

Relação entre as cidades em uma rede urbana – Esquema clássico

Metrópole nacional

Metrópole regional

Centro regional

Cidade local

Vila

Brasil – Problemas urbanos

Inchaço urbano

O êxodo rural, causado pela falta de políticas de estímulo à permanência do homem no campo, gera um aumento populacional nos grandes centros. As cidades não estão preparadas para receber os novos moradores. Surge, então, o que se chama de **inchaço urbano**, agravado pelas carências dessa população – baixa escolaridade e falta de especialização profissional e de recursos.

O crescimento desordenado dos centros urbanos brasileiros nas últimas décadas vem gerando graves problemas sociais e ambientais. A qualidade de vida nas cidades diminuiu consideravelmente nos anos 1990 por causa da falta de investimentos na infraestrutura de habitação, saúde, transportes, saneamento e educação.

Em grandes metrópoles, os problemas são difíceis de resolver. A falta de tratamento do lixo e dos dejetos sanitários, muitas vezes jogados diretamente nos rios e na orla marítima de grandes cidades brasileiras, faz com que surjam esgotos a céu aberto. As regiões de mananciais também são atingidas, o que prejudica o abastecimento de água. A violência urbana, a poluição, o trânsito caótico e a deficiência nos serviços urbanos fizeram com que mais de 60% dos moradores da capital paulista desejassem sair da cidade, segundo pesquisa feita em 2003.

Falta de moradias

No Brasil, há um déficit estimado de 6 milhões de residências, além de haver 2,5 milhões de moradias “subnormais”, ou seja, sem condições mínimas para serem habitadas, e de quase 10% dos domicílios urbanos no Brasil serem localizados em terrenos irregulares, segundo estudo da Universidade de São Paulo (USP). Outro aspecto desse problema é a proliferação de favelas. Pelo Censo de 2010, o estado de São Paulo é o que tem mais favelas: 2087, quase 33% do total do país. A capital paulista é a cidade com o maior número (1020), seguida do Rio de Janeiro, com 763, entre elas, a favela da Rocinha, a maior do Brasil.

O crescimento desordenado ocasionou um redirecionamento da migração. Entre os anos 1950 e 1980, os deslocamentos ocorriam do Nordeste para o eixo Rio-São Paulo. A partir de 1990, o crescimento dessas metrópoles diminuiu e aumentou o das cidades médias.

1. (ENEM)



ROCCO, Antonio. Os imigrantes. 1910. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

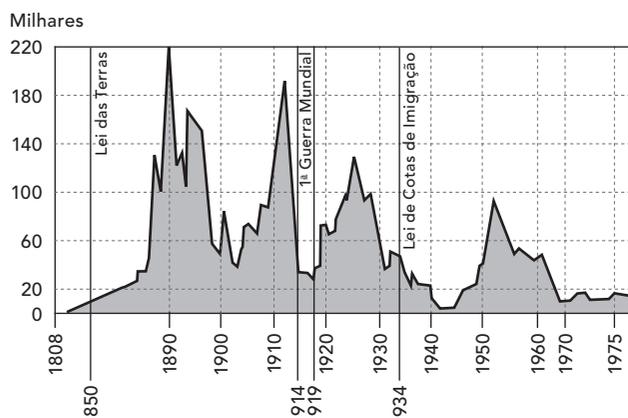
Um dia, os imigrantes aglomerados na amurada da proa chegavam à fedentina quente de um porto, num silêncio de mato e de febre amarela. Santos. — É aqui! Buenos Aires é aqui! — Tinham trocado o rótulo das bagagens, desciam em fila. Faziam suas necessidades nos trens dos animais onde iam. Jogavam-nos num pavilhão comum em São Paulo. — Buenos Aires é aqui! — Amontoados com trouxas, sanfonas e baús, num carro de bois, que pretos guiavam através do mato por estradas esburacadas, chegavam uma tarde nas senzalas donde acabava de sair o braço escravo. Formavam militarmente nas madrugadas do terreiro homens e mulheres, ante feitores de espingarda ao ombro.

ANDRADE, Oswald de. *Marco Zero II*: chão. Rio de Janeiro: Globo, 1991.

Levando-se em consideração o texto de Oswald de Andrade e a pintura de Antonio Rocco, reproduzida anteriormente, relativos à imigração europeia para o Brasil, é correto afirmar que

- a) a visão da imigração presente na pintura é trágica e, no texto, otimista.
- b) a pintura confirma a visão do texto quanto à imigração de argentinos para o Brasil.
- c) os dois autores retratam dificuldades dos imigrantes na chegada ao Brasil.
- d) Antonio Rocco retrata de forma otimista a imigração, destacando o pioneirismo do imigrante.
- e) Oswald de Andrade mostra que a condição de vida do imigrante era melhor que a dos ex-escravos.

2. (ENEM) Entre os séculos XIX e XX, a razão principal para incentivar a vinda de imigrantes para o Brasil, uma iniciativa do Estado e de particulares (principalmente fazendeiros), foi a necessidade de conseguir mão de obra para a expansão da lavoura cafeeira. O gráfico a seguir representa as quantidades, em milhares, de imigrantes que entraram no Brasil, nos séculos XIX e XX.



*Dados do IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 out. 2008. (adaptado)

Correlacionando a imigração para o Brasil com os outros eventos históricos registrados no gráfico, conclui-se que

- a) as políticas de incentivo à migração, no século XIX, não conseguiram incrementar a migração que ocorreu no século XX.
- b) o período estável de ocorrência do fluxo migratório para o Brasil coincide com a expansão da lavoura cafeeira.
- c) a imigração para o Brasil, entre 1850 e 1930, foi estimulada pela Primeira Guerra Mundial, quando a população europeia fugia do conflito.
- d) o país passou por um período de significativo crescimento econômico, desde o fim da Segunda Guerra até a década de 1970, mas deixou de atrair grandes fluxos migratórios.
- e) o Governo Vargas, percebendo que o número de empregos era insuficiente para a mão de obra no país, criou, em 1934, a Lei de Cotas de Imigração, o que resultou em um decréscimo na imigração.

3. (ENEM) O movimento migratório no Brasil é significativo, principalmente em função do volume de pessoas que saem de uma região com destino a outras regiões. Um desses movimentos ficou famoso nos anos 80, quando muitos nordestinos deixaram a Região Nordeste em direção ao Sudeste do Brasil. Segundo os dados do IBGE de 2000, esse processo continuou crescente no período seguinte, os anos 90, com um acréscimo de 7,6% nas migrações desse mesmo fluxo. A Pesquisa de Padrão de Vida, feita pelo IBGE, em 1996, aponta que, entre os nordestinos que chegam ao Sudeste, 48,6% exercem trabalhos manuais não qualificados, 18,5% são trabalhadores manuais qualificados, enquanto 13,5%, embora não sejam trabalhadores manuais, se encontram em áreas que não exigem formação profissional. O mesmo estudo indica também que esses migrantes possuem, em média, condição de vida e nível educacional acima dos de seus conterrâneos e abaixo dos de cidadãos estáveis do Sudeste.

Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 30 jul. 2009. (adaptado)

Com base nas informações contidas no texto, depreende-se que

- a) o processo migratório foi desencadeado por ações de governo para viabilizar a produção industrial no Sudeste.
- b) os governos estaduais do Sudeste priorizaram a qualificação da mão de obra migrante.
- c) o processo de migração para o Sudeste contribuiu para o fenômeno conhecido como inchaço urbano.
- d) as migrações para o Sudeste desencadearam a valorização do trabalho manual, sobretudo na década de 1980.
- e) a falta de especialização dos migrantes é positiva para os empregadores, pois significa maior versatilidade profissional.

4. (ENEM)



RIBEIRO, Luiz César Queiroz; SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves. Desafios da questão urbana. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 4, n. 45, abr. 2010. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

A imagem registra uma especificidade do contexto urbano em que a ausência ou ineficiência das políticas públicas resultou em

- a) garantia dos direitos humanos.
 - b) superação do déficit habitacional.
 - c) controle da especulação imobiliária.
 - d) mediação dos conflitos entre classes.
 - e) aumento da segregação socioespacial.
5. A origem das favelas está relacionada à pobreza e à desigualdade social, contudo, no caso específico do Rio de Janeiro, as favelas surgiram em função da
- a) transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, consequência do desenvolvimento da economia cafeeira, o que provocou uma grande inflação e o empobrecimento da população em geral.
 - b) transmigração da Corte portuguesa para o Brasil, que expulsou a elite brasileira de suas propriedades urbanas, forçando a abrigar a nobreza portuguesa, e que desalojou centenas de cariocas de todos os níveis sociais para acomodar as necessidades físicas do novo governo.
 - c) Era Mauá, cujo desenvolvimento industrial atraiu a mão de obra de operários oriundos do campo, que, devido às péssimas condições salariais, se concentraram nas áreas mais miseráveis da cidade.
 - d) reforma urbana no centro do Rio de Janeiro durante a Primeira República, que, inspirada no modelo urbanístico europeu, derrubou casarões coloniais, moradia da população de baixa renda, que passou a buscar abrigo nos morros cariocas.
 - e) política repressiva do regime ditatorial militar, nos anos 1960 do século passado, que atuou incisivamente contra a população carente e dos bairros proletários, buscando conter as manifestações e os focos de resistência ao governo.